



PLANEJAMENTO LINGUÍSTICO FAMILIAR NA DIÁSPORA BRASILEIRA: CONSIDERAÇÕES SOBRE A COMUNIDADE BRASILEIRA EM DONGGUAN, CHINA

Júlio Reis Jatobá¹

Resumo

Partindo da perspectiva sociocultural da Língua de Herança e, portanto, do seu papel na (re)identificação, (re)organização e transformação de grupos sociais em contextos de emigração e imigração, este artigo apresenta e discute algumas das características do Português como Língua de Herança (PLH) em famílias da comunidade brasileira em Dongguan, China, com crianças em idade escolar. Basearemos esta discussão em dados coletados em visitas de campo, entrevistas e questionários. Nossos resultados apontam algumas das razões da necessidade de ampliar a discussão sobre o planejamento linguístico familiar para o PLH e de inseri-lo na agenda de investigações sobre Política e Planejamento Linguístico e Diáspora Brasileira numa perspectiva transnacional. Por fim, esperamos que os resultados contribuam para que instituições de ensino e governos reflitam sobre a urgência de reformularem políticas de acreditação, credenciamento, validação e emissão de diplomas escolares.

Palavras-chave: Comunidades Brasileiras na China, Diáspora Brasileira, Português como Língua de Herança, Política e Planejamento Linguístico, Planejamento Linguístico Familiar.

Abstract

Starting from the sociocultural perspective of the Heritage Language and, therefore, of its role in the (re) identification, (re) organization and transformation of social groups in contexts of emigration and immigration, this article presents and discusses some of the characteristics of Portuguese as a Heritage Language (PHL) in families from the Brazilian community in Dongguan, China, with children in school-age. We will base this discussion on data collected from field visits, interviews and surveys. Our results point out some of the reasons for the need to expand the discussion on family language planning for PHL and to include it in the research agenda on Linguistic Planning and Policy and the Brazilian Diaspora in a transnational perspective. Finally, we hope that the results will help educational institutions and governments to reflect on the urgency of reformulating policies for accreditation, validation and issuance of diplomas.

Keywords: Brazilian Communities in China, Brazilian Diaspora, Portuguese as a Heritage Language, Language Policy and Planning, Family Language Planning.

¹ Professor do Departamento de Português da Universidade de Macau / Cátedra UNESCO “Políticas Linguísticas para o Multilinguismo” (UNESCO Chair “Language Policies for Multilingualism”)



Considerações iniciais

Nos últimos anos, a aquisição de idiomas nacionais / oficiais e de herança por comunidades imigrantes na Europa e nos Estados Unidos da América tem sido amplamente estudada, mas poucos estudos têm sido feitos no contexto asiático. Assim, neste artigo analisamos os desafios específicos e particulares do acesso à educação formal e à aquisição do Português como Língua de Herança (PLH) em membros da comunidade brasileira em idade escolar em Dongguan, China. Ao contrário dos contextos da Europa ou dos EUA, no caso dongguanês², é importante notar que existem alguns problemas específicos em relação à educação das crianças da comunidade brasileira. De acordo com os resultados de uma investigação com líderes comunitários brasileiros em Dongguan e agentes locais de educação (JATOBÁ; SHANG, 2019, p. 219-220), quando atingem a idade universitária, uma proporção significativa dessas crianças não pode frequentar universidades públicas chinesas (devido à baixa proficiência no idioma chinês e / ou restrições do governo para a matrícula de estrangeiros no ensino superior) tampouco universidades brasileiras (devido, sobretudo, a problemas para a validação dos diplomas de ensino médio cursados fora do Brasil).

Além disso, as famílias que não têm oportunidade de matricular seus filhos em escolas internacionais em Dongguan vivem um dilema. Por um lado, essas crianças estudam em escolas organizadas por suas próprias comunidades; portanto, após a conclusão do ensino obrigatório, eles não têm proficiência linguística suficiente para frequentar uma universidade no país anfitrião. Por outro lado, se esses estudantes querem voltar ao Brasil para frequentar uma universidade, as universidades brasileiras não reconhecem os diplomas emitidos pela China ou pelas escolas organizadas pelas próprias comunidades.

Apesar dessa tensão entre as crescentes necessidades da diáspora brasileira, existem poucas pesquisas sobre o contexto sino-brasileiro (KUHN; NUNES, 2012; YE, 2014; JIANG, 2015; JATOBÁ; SHANG, 2019) ou, ainda, sobre políticas linguísticas para a língua portuguesa na China (JATOBÁ, 2015, 2017; LIU, 2015). Considerando a escala da comunidade brasileira em Dongguan³ e a escala da comunidade chinesa no Brasil, aliadas à importância da comunicação em termos de globalização, há uma necessidade imediata de um melhor entendimento sobre a situação, os desafios e as dificuldades das comunidades brasileiras em Dongguan.

Tomando esse cenário como referência, examinaremos e discutiremos algumas características linguísticas e culturais específicas que ajudam os membros da comunidade

2 Como abordaremos adiante, a crise do setor calçadista brasileiro nos anos 1990 forçou muitas fábricas a se mudarem para Dongguan, o maior polo de produção calçadista da China.

3 Em estimativa feita por líderes comunitários brasileira (cf. JATOBÁ; SHANG (2019)), calcula-se que o número de brasileiros residentes em Dongguan entre 2018 e 2019 esteve entre 2000 e 3000. Em consulta ao Portal Consular do MRE (Brasileiros no Mundo) em 20 de fevereiro de 2020, a última estimativa publicada sobre o número de brasileiros na China é do ano de 2014 (16700 brasileiros, dados disponíveis em <http://www.portalconsular.itamaraty.gov.br/no-exterior/brasileiros-no-mundo>). Não há estimativas fornecidas pelo governo de Dongguan.

brasileira de Dongguan a aprimorar seus esforços para melhorar a qualidade da educação. Para tal, neste artigo apresentaremos uma breve história da diáspora brasileira em Dongguan para alargar a nossa compreensão dos pontos fortes que nutrem o ambiente da comunidade brasileira em Dongguan e como esses pontos fortes podem ser diferentes dos de outras comunidades imigrantes brasileiras na China ou na Ásia. Para isso, realizamos os seguintes procedimentos: (i) visitas de campo a uma escola brasileira em Dongguan; (ii) entrevistas com professores dessa escola e líderes comunitários e (iii) questionários e pesquisas com 22 famílias brasileiras com crianças em idade escolar (37 crianças no total).

Enquadramento de pesquisa

Para entender melhor os desafios da comunidade brasileira em Dongguan para manter o ensino da língua portuguesa, fundamentaremos nossa discussão nos conceitos de Língua de Herança (LH), Bilinguismo e Terceiro Espaço. Enfatizamos que esses conceitos estão intimamente ligados à imigração, mobilidade, línguas e culturas. Ou seja, são diretamente dependentes do contexto em que estão imersos. Dito isto, não pretendemos aprofundar ou fazer uma revisão abrangente desses conceitos, mas buscamos conceituações que se aproximem e dialoguem com os contextos e especificidades da Comunidade Brasileira em Dongguan.

Como aponta Valdés (2000), o termo falante de língua de herança não é definido com precisão. Polinsky e Kagan (2007) discutem sobre essa falta de precisão e, com base na ideia de “particular family relevance” (FISHMAN, 2001, p. 81) e “strong cultural connection to a particular language” e “heritage motivation” (VAN DEUSEN-SCHOLL, 2003, p. 222), propõe referir-se a LH como um conceito estreito e amplo. Assim, na perspectiva de Valdés (2000), Polinsky e Kagan (2007, p. 369) assumem que a LH assume uma dualidade no sentido de: (i) ser *estreita* no que se refere a falantes de LH como indivíduos criados em lares onde a língua falada não é a língua oficial do país anfitrião mas, ao mesmo tempo, bilíngues em relação a língua do país anfitrião e a língua da herança e (ii) ser *ampla* no sentido de que “heritage language is equivalent to a second language in terms of linguistic competence, and as a second language, it typically begins in the classroom, in adulthood” (POLINSKY; KAGAN, 2007, p. 369).

Para as propostas de pesquisa, também assumimos que a definição de Língua de Herança e de falante de língua de herança podem variar ligeiramente de acordo com o contexto e a perspectiva adotada pelo pesquisador devido ao fato de que “objetos de observação não são autônomos nem isolados, mas holísticos e derivados da interação com o ambiente” (LIMA-HERNANDES; SASSI, 2015, p. 109). Além disso, quando falamos de LH, não estamos falando apenas de “língua”, mas, principalmente, de conexões e desconexões invisíveis e complexas entre culturas, gerações, valores e motivações. Nesse sentido, a LH não apenas conectará o falante com seu “passado”, mas ajudará a construí-lo e reconstruí-lo como um indivíduo multicultural e, em muitos casos, multilíngue.

Tendo em vista o cenário de Dongguan, neste artigo consideraremos LH como “aquela utilizada com restrições, limitada a um grupo social ou ao ambiente familiar, e que convive com outra(s) língua(s) que circula(m) em outros setores, instituições e mídias da sociedade em que vive” (BORUCHOWSKI, 2015, p. 163) e falante de LH como “pessoa criada num ambiente em que utiliza uma linguagem minoritária, que a conecta a gerações de familiares que utilizam a língua minoritária” (JENNINGS-WINTERLE; LIMA-HERNANDES, 2015, p. 264).

Para descrever o sentido *estrito* de LH, Polinsky e Kagan (2007, p. 369) referem-se ao falante de LH como alguém em certo grau bilíngue. Levando em consideração que quando falamos de contextos de ensino médio ou superior em contextos de LH, estamos lidando inevitavelmente com línguas em contato, no caso de Dongguan, o português, o chinês e o inglês e, portanto, de potenciais casos de bilinguismo. Deste modo, será necessário restringir o uso do conceito bilinguismo nesta pesquisa. O bilinguismo⁴ tem sido bastante discutido e redefinido por especialistas e, por conseguinte, há bastantes variações em sua definição de acordo com as orientações teóricas ou os contextos de pesquisa estabelecidos. A este propósito, Wei (2007a, p. 5) discorre sobre esta problemática e ao levantar a questão “quem é bilíngue?” aponta que as variáveis chave para a definição de “pessoa bilíngue” têm sido (i) a idade e a maneira de aquisição, (ii) nível de proficiência em uma língua específica, (iii) domínios de uso da língua e (iv) autoidentificação e atitude. O autor ressalta que diferentes áreas têm diferentes predileções em focar em alguma variável específica e, a fim de demonstrar a dificuldade de responder à questão levantada sobre “que é bilíngue”, Wei (p. 6-7) apresenta uma lista de 37 termos que têm sido comumente usados para descrever tipos de bilinguismo.

Levando em conta a variedade de definições e categorizações sobre bilinguismo e tendo em vista que em nossa pesquisa o português foi declarado como a única língua usada nas interações familiares de 80% das famílias com crianças em idade escolar, consideraremos, para fins específicos de contextualização desta pesquisa e para aproximar-se ao que as próprias famílias declaram como “ser bilíngue”, o bilinguismo como “falantes de português mais alto grau de proficiência em outra língua”. Além disso, dividiremos o bilinguismo em duas categorias: *bilinguismo sequencial*, falantes em que a segunda língua é adicionada em estágio posterior ao processo de aquisição da língua primeira; *bilinguismo simultâneo*, falantes em que o processo de aquisição das duas línguas foi iniciado ao mesmo tempo, geralmente no mesmo contexto.

Finalmente, ao falarmos de LH e de bilinguismo, invocamos, também, os espaços criados entre, pelo menos, duas línguas e culturas. Portanto, o conceito *Terceiro Espaço* é de grande valia para a nossa reflexão. Para entender as relações entre *línguas de herança* e *Terceiro Espaço*, entendemos o *Terceiro Espaço* como o proposto por Jennings-Winterle e Lima-Hernandes (2015, p. 268):

4 Para um panorama sobre as dimensões do bilinguismo, favor consultar Wei (2007b, obra referida).

Espaço invisível, de ordem social, emocional, cultural ou histórica, que fica entre duas instituições, conceitos ou situações melhor definidas, melhor aceitas e/ou mais valorizadas. No contexto das línguas de herança, o terceiro espaço é consolidado como o resultado das interações com a língua e cultura majoritária e língua e cultura de herança, influenciadas pela convivência de familiares de diferentes nacionalidades ou backgrounds culturais. Esse espaço origina-se também no senso de pertencimento e familiaridade que um indivíduo estrangeiro tem em relação à língua e à cultura do local de residência e que é influenciado pelo nível de interação e valorização de sua língua e cultura maternos.

Definidos esses conceitos-chave para nossa pesquisa, apresentaremos a seguir o contexto e as particularidades da comunidade brasileira em Dongguan.

Comunidade Brasileira em Dongguan

Gênese e desafios iniciais

Desde meados da década 90, com a crise calçadista brasileira e a ascensão da indústria calçadista chinesa, empresas brasileiras ligadas a esse setor e do couro começaram a chegar ao *Pearl River Delta*⁵. Segundo o relato de alguns líderes comunitários, a vinda de fábricas e, principalmente, técnicos brasileiros especializados em couro e calçados para a cidade de Dongguan não foi uma questão de escolha pessoal, mas sim uma questão de sobrevivência para o setor calçadista brasileiro da região do Vale dos Sinos, Rio Grande do Sul (JATOBÁ; SHANG, 2019, p. 220).

Estimulada pela Política de Reforma e Abertura da China⁶, pela proximidade com as primeiras *Special Economic Zone*⁷ (SEZ) e pelos incentivos fiscais oferecidos às fábricas estrangeiras, a então, pequena cidade de Dongguan recebeu o maior fluxo migratório de brasileiros na China. Descrita comumente nos noticiários chineses como o “eldorado calçadista brasileira⁸”, hoje, quase 30 anos depois da chegada dos primeiros brasileiros, Dongguan transformou-se em uma das maiores cidades e polos industriais da China, com população residente estimada em pouco mais de 8 milhões de residentes (censo 2017).

Segundo relatórios da *HSBC Expat Explorer Economics*⁹, nos últimos anos, pela notável

5 Região entre as cidades compreendidas entre Guangzhou (capital da província de Guangdong) e a SAR Macau e SAR Hong Kong. Esta região é considerada uma das regiões mais densamente povoadas do mundo.

6 A *Política de Reforma e Abertura da China* (改革开放, *Gǎigé kāifàng*) refere-se a um conjunto de políticas e medidas anunciadas por Deng Xiaoping para o desenvolvimento das quatro bases para a modernização da China (Agricultura, Indústria, Defesa Nacional e Ciência e Tecnologia). O anúncio foi realizado em ocasião da 3ª Sessão Plenária do 11º Comitê Central do Partido Comunista da China, em 1978 (中共十一届三中全会).

7 A província de Guangdong foi a pioneira na implementação das SEZs, estando as primeiras SEZs nas cidades de Zhuhai e Shenzhen, áreas de fronteira com Macau e Hong Kong, respectivamente.

8 Texto original “巴西鞋匠的‘黄金之乡’”.

9 <https://expatexplorer.hsbc.com/survey/>, acessado em 20/03/2016

melhora dos serviços de acesso à educação de nível internacional e à saúde, a China vem atraindo expatriados de várias partes do mundo, sobretudo, tem-se destacado pela boa relação custo-benefício de salários pagos e qualidade de vida. Porém, na década de 90, as condições para expatriados em Dongguan não eram tão favoráveis. A escassa oferta de escolas internacionais ou serviços básicos de saúde eram alguns dos principais empecilhos. Porém, como apontam Ye (2014) e Jiang (2015), segundo os primeiros brasileiros a chegarem em Dongguan, a maior resistência em vir para China devia-se, sobretudo, às imagens negativas da China criadas pela mídia brasileira, onde os chineses eram/são tratados de maneira caricata e exótica e a constante divulgação de notícias sobre os problemas de segurança alimentar e poluição ambiental. Este desconhecimento e resistência inicial fez com que salários pagos aos técnicos brasileiros fossem um grande contraponto, pois, em muitos casos os técnicos chegavam a receber cinco vezes mais do que recebiam no Brasil, além de terem acesso a benefícios que não tinham no Brasil.

Depois da primeira leva de brasileiros chegar em Dongguan a imagem negativa da China foi desconstruindo-se e o número de brasileiros dispostos a cruzar o mundo aumentou. Assim, uma rede de troca de contatos sobre a vida na China e a criação do “espaço étnico” foram facilitados, sobretudo, pelas tecnologias comunicacionais¹⁰. Deste modo, o crescimento da comunidade brasileira gerou alguns fenômenos de interesse para nossa análise neste trabalho, a saber: (i) a gradual diminuição dos salários e benefícios oferecidos e (ii) a vinda da família dos técnicos e, portanto, uma maior preocupação com acesso à educação (JATOBA; SHANG, 2019, p. 220).

A diminuição dos salários aliada ao aumento do custo de vida em Dongguan (sobretudo após o ano de 2010) configuram uma importante variável na escolha do acesso à educação por parte dos filhos dos trabalhadores desta comunidade. Algumas famílias que antes podiam dar-se ao luxo de matricular seus filhos em escolas internacionais começaram a procurar escolas locais ou as “escolinhas brasileiras” (JATOBA; SHANG, 2019, p. 222-3).

Como foi possível observar durante as entrevistas e nos resultados dos inquéritos da nossa pesquisa, o acesso à educação e a decisão da língua de instrução escolar foram citados pelas 22 famílias participantes como os dois fatores de maior preocupação. Esta apreensão em relação à *educação linguística* corrobora a argumentação de Jatobá e Shang (2019) a respeito da escolha por um sistema de educacional chinês, ocidental ou brasileiro ser condicionada por um processo de “*modelagem cultural*” da comunidade brasileira¹¹ (Ibidem, p. 226) e, por consequência, criar tensões na decisão do planejamento linguístico familiar para a aquisição das línguas chinesa e portuguesa nas crianças em idade escolar da comunidade brasileira em Dongguan. Como os nossos resultados demonstram, esta “tensão” cria um “paradoxo” sobre a aquisição das línguas

10 Não é de nosso interesse neste artigo aprofundarmos no papel dos meios e tecnologias de comunicação na construção do “espaço étnico”. Sobre a “experiência migratória transnacional e meio de comunicação de trabalhadores brasileiros na China”, conferir Kuhn (2012).

11 巴西人社区文化塑造(bāxī rén shèqū wénhuà sùzào).

chinesa e portuguesa que se manifesta da seguinte forma: por um lado, as famílias expressam imenso desejo que os filhos adquiram a língua chinesa por considerarem um grande diferencial no futuro mercado de trabalho; porém, ao mesmo tempo, as famílias expressamente demonstram a vontade de que os filhos tenham somente o português e/ou inglês como a língua de instrução escolar. Como veremos adiante, um fator que corrobora o desejo de terem o português como uma das línguas de instrução escolar é o fato de muitos considerarem a estadia em Dongguan temporária.

Por fim, para que entendamos melhor a real situação da comunidade, vale ressaltar que, ao contrário do que destacam as grandes mídias de Brasil e China, em nossas visitas de campo e entrevistas observamos que, na realidade, grande parte da comunidade brasileira não tem os alegados altos salários e altíssimo padrão de qualidade de vida que as reportagens televisivas e artigos jornalísticos sugerem. Portanto, chamamos a atenção sobre as possíveis generalizações e distorções sobre a realidade da comunidade brasileira em Dongguan através das mídias tradicionais¹².

O estabelecimento da comunidade

O Consulado do Brasil em Guangzhou estima que os brasileiros em Dongguan sejam aproximadamente 3.000 e afirma ser a maior comunidade brasileira na China, sendo aproximadamente o dobro da comunidade brasileira em Shanghai e o triplo da de Beijing (Pequim). Segundo levantamento do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, dentro do contexto asiático a comunidade brasileira em Dongguan só não é maior do que as comunidades brasileiras no Japão¹³.

Porém, o tamanho exato da comunidade é de difícil estimativa, pois, segundo os próprios membros da comunidade, o número da população brasileira em Dongguan é marcada pela volatilidade dos contextos econômicos de Brasil, China e do mercado calçadista. Após um vertiginoso crescimento entre os anos de 2000 a 2008, observa-se uma estabilização ou leve diminuição da comunidade entre os anos de 2012 e 2015. Segundo os entrevistados, parte da diminuição do interesse de novos brasileiros por Dongguan deve-se, sobretudo, à:

- (i) diminuição de salários e perda de postos de trabalho especializado para técnicos calçadistas chineses (a China já forma técnicos especializados no setor calçadista);
- (ii) grande aumento do custo de vida em Dongguan e valorização do Iuan chinês, o que aumentou sensivelmente os custos de produção para as fábricas em Dongguan;

¹² Devido à falta de materiais de referência sobre a comunidade brasileira em Dongguan, nossa pesquisa iniciou-se com um levantamento das notícias sobre a comunidade veiculadas na mídia brasileira e chinesa. Não negamos a importância deste tipo de material; porém, é importante frisar que, de acordo com nossas visitas de campo, na maioria das vezes, estas reportagens representam parcialmente ou estereotipada a realidade da maioria dos membros da comunidade brasileira.

¹³ O Ministério das Relações Exteriores do Brasil (2015) estima que 179.649 brasileiros vivam atualmente no Japão e 16.700 na China (incluindo a SAR Macau e a SAR Hong Kong).

- (iii) as políticas do governo chinês em transformar Dongguan num grande polo industrial tecnológico, cortando os incentivos fiscais para indústrias não-tecnológicas e, assim, forçando fábricas e empresas do setor calçadista e do couro a mudarem-se para outras cidades do *Pearl River Delta* ou, em alguns casos, para outros países do Sudeste Asiático.

Além dos motivos supracitados, outro fator a ser levado em conta no desejo e planejamento entre ficar na China ou voltar ao Brasil é a atual instabilidade política e econômica no Brasil. No entanto, este fenômeno tem uma influência ambígua. Por um lado, com a desvalorização da moeda brasileira frente ao dólar e ao RMB, voltar a produzir sapatos no Brasil já não é inviável como tempos atrás. Porém, por outro lado, devido à instabilidade política, famílias que já se preparavam para voltar ao Brasil resolveram prolongar a estadia na China.

O interesse em ficar ou prolongar a estadia na China é de relevância para o planejamento familiar do acesso à educação, pois crianças que tiveram educação em língua portuguesa com a perspectiva de voltar ao Brasil para ingressar em universidades no Brasil acabam por ficarem na China para prosseguirem seus estudos universitários. Este fenômeno, em seu devido grau de comparação, assemelha-se ao caso dos *dekasseguis* brasileiros no Japão descritos pesquisados por Beltrão e Sugahara (2006): a condição de ser “permanentemente temporário”.

Em relação à formação da comunidade brasileira em Dongguan, há dois aspectos de destaque, a saber, a *naturalidade* e a *atividade ocupacional*. Ao contrário das outras comunidades da diáspora brasileira, do ponto de vista da naturalidade, a comunidade brasileira em Dongguan é bastante homogênea. A população é majoritariamente proveniente do estado do Rio Grande do Sul (sobretudo da região do Vale dos Sinos) e, segundo algumas famílias inqueridas, a preservação da cultura *gaúcha*¹⁴ é um dos principais pontos de conexão, criação de laços de amizade e troca de experiências entre os membros da comunidade.

Esta busca pela preservação da cultura/herança gaúcha é de total relevância, pois, uma das características da aplicabilidade do conceito de “herança” ao campo linguístico é este poder ser definido como “um sistema de comunicação herdado em formas de valores que tangem todas as esferas da vida de um indivíduo. Esse universo carrega valores que representam um inconsciente coletivo (JENNINGS-WINTERLE; LIMA-HERNANDES, 2015, p. 13). Apesar das dificuldades e percalços para a transmissão desta “bagagem cultural” em terras estrangeiras, é pela língua portuguesa – língua majoritária do Brasil¹⁵ – que são repassadas e redefinidas estas heranças e conexões com o país de origem. No caso de Dongguan, a “herança” e a “bagagem

14 Em português, *Gaúcho* é o gentílico para a região do Rio Grande do Sul. *Gaúcho* é também a designação genérica para o “Cowboy from South American Pampas” (OXFORD, S/d) que habita região compreendida entre a Argentina, Uruguai e o Rio Grande do Sul.

15 Apesar do histórico linguístico do Brasil ser marcado por relações diglósicas (ou até mesmo “perseguição linguística”) entre o português (língua do colonizador) e as línguas minoritárias (indígenas ou não), no Brasil contemporâneo a língua portuguesa é vista com uma das características da formação da identidade nacional brasileira.

cultural” podem ser verificadas nas atividades culturais e de convívio da comunidade, como, por exemplo, a criação, em 2012, do grupo “PTG China Véia (Piquete de tradições Gaúchas China Véia)”¹⁶.

Em relação à atividade ocupacional, os fabricantes e técnicos de confecção e controle de qualidade foram os primeiros a chegar. Em seguida, foram outros especialistas, desde os tratadores de couro e designers às modelos de pé. Porém, com o crescimento da comunidade o perfil ocupacional, também, se diversificou e hoje, apesar da maior parte da comunidade ter algum tipo de relação com o setor calçadista, a comunidade conta com a presença de prestadores de serviços e comerciantes.

Definidas as características gerais da formação e desenvolvimento da comunidade brasileira em Dongguan, passaremos a seguir a tratar da situação de acesso à educação.

Bilinguismo, Educação Linguística e Planejamento linguístico familiar

O Bilinguismo é um termo recorrente no planejamento das famílias na diáspora brasileira que têm ou desejam ter filhos. No caso dos emigrantes adultos, “aprender” – formalmente ou informalmente – a língua do país anfitrião é um dos grandes desafios, pois, o acesso à esta nova língua/cultura poderá trazer uma série de acessos e benefícios (pessoais, sociais e financeiros). No caso das crianças em idade escolar, a língua do país anfitrião poderá vir a ser a única língua usada em sua educação escolar.

Em muitas circunstâncias, saber a língua do país anfitrião, mesmo que em baixos níveis de proficiência, é premissa para poder ter acesso a condições mínimas para candidaturas a postos de trabalho legalizados. Em outros contextos, como no caso de Dongguan, aprender (ou adquirir) a língua do país anfitrião não é uma das prioridades dos membros da comunidade e, muitas vezes, sequer está na pauta do planejamento familiar, pois interações no trabalho são geralmente feitas em uma terceira língua – o inglês – e, devido ao tamanho e organização da comunidade, a língua usada nas interações sociais é majoritariamente o português. Juntando-se a isso, há o fato de muitos membros considerarem a permanência na China temporária e, segundo alguns entrevistados, o investimento para aprender/adquirir o chinês não valer a pena.

Posto isso, qual seria o espaço do bilinguismo na política linguística familiar dos membros da comunidade brasileira em Dongguan? De acordo com os dados levantados em inquérito com 22 famílias¹⁷ de Dongguan com filhos em idade escolar (totalizando 37 crianças), todos os pais

16 Conferir KLAUSS, T. “Gaúchos na China”. *Brasileiras Pelo Mundo*, 10 set. 2017. Disponível em: <https://www.brasileiraspelomundo.com/gauchos-na-china-480866843>

17 Levantamento realizado nos anos de 2014 e 2015 via internet. Além deste levantamento, um mapeamento das famílias com filhos em idade escolar foi feito por Jatoba e Ye entre os anos de 2014 e 2015 (dados não publicados) com dados obtidos por meio de visitas às empresas, consulado do Brasil em Guangzhou e a líderes comunitários.

demonstram atitudes positivas e adotam ações para que seus filhos sejam bilíngues (tentativa de uso de duas ou mais línguas em casa, acesso a escolas internacionais, escolinhas de língua, criação de contextos socializantes e verdadeiros do uso das línguas etc.). Porém, curiosamente, estas atitudes não se referem especificamente à língua do país anfitrião, mas sim ao português e ao inglês (63%), línguas que a maioria dos pais dominam e usam em suas interações de trabalho e, no caso de casamentos interculturais, a língua de interação familiar. No caso do bilinguismo que envolva o chinês, apesar das famílias expressarem desejo que os filhos tenham uma boa proficiência em mandarim, só há uma política linguística familiar e tomada de ações definida para a aquisição do mandarim¹⁸ nas famílias onde um dos pais é de nacionalidade chinesa¹⁹.

Devido ao fato de a maioria dos casamentos serem entre brasileiros, a língua portuguesa é, na maior parte dos casos, a língua usada nas interações pais-filhos. Nos casos onde um dos pais não é brasileiro, a parte não-brasileira é sempre do sexo feminino. Em visita e entrevista às coordenadoras da escola *Bem me quer* e um líder comunitário, evidenciou-se o papel crucial das mães na concepção, organização e tomadas de ações em relação ao ensino de português e na decisão da política linguística familiar. Esta informação corrobora o observado por Moroni (2015) no caso das ações para a promoção do movimento do PLH na diáspora brasileira, onde, tem-se observado um protagonismo marcante das mulheres na elaboração e tomada de ações de promoção do PLH.

Podemos, portanto, com estas considerações preliminares e dados sobre a formação e constituição da comunidade brasileira em Dongguan, agrupar o bilinguismo e a política linguística familiar em Dongguan em dois grupos. O primeiro, que representa a maioria dos casos, se trata de *bilinguismo sequencial*. Neste caso, o português é a língua materna dos pais e, conseqüentemente, das crianças; as outras línguas (inglês e/ou chinês) são adquiridas pelas crianças por (i) contato com as babás e empregadas domésticas (no caso do chinês) ou (ii) durante a alfabetização nas escolas internacionais (inglês) ou nas escolas do país anfitrião (chinês).

O segundo, que apresenta a minoria dos casos observados, refere-se ao *bilinguismo simultâneo*. Esses são os casos onde a criança está exposta à, pelo menos, duas línguas/culturas em casa. Os pais deste grupo têm uma consciência maior sobre o bilinguismo e a há um planejamento linguístico familiar mais definido.

À vista disto, passaremos a tratar de um problema comum aos dois grupos: a escolha do

18 Apesar de a China ter centenas de línguas e dialetos, o mandarim, conhecido também como *putonghua* (普通话, literalmente, língua comum), é a única língua oficial do país.

19 No caso das famílias com um dos pais de nacionalidade chinesa, a prioridade de língua usada nas interações mãe-filho é primeiro a língua/dialeto materno da mãe (nesta pesquisa, quase sempre o cantonês) e depois o mandarim, língua veicular da China.

tipo de escola que seus filhos frequentarão.

Escolas em Dongguan: escolhas da comunidade

Em contextos monoculturais, a importância da escola na formação de indivíduos que respeitem à diferença é fundamental. Em contextos multiculturais torna-se ainda mais crucial, pois o reconhecimento do *Outro* é um dos pontos de partida para que as crianças reconheçam e redefinam de maneira saudável e positiva suas várias facetas culturais. Isso, além de contribuir para a formação de sujeitos com “plasticidade cultural”, poderá contribuir para que a criança use suas línguas de maneira inclusiva e como reforçadores da complexidade integrativa e como um propulsor da capacidade criativa (cf. TADMOR; GALINSKY; MADDUX, 2012). Melhor dizendo, se o ambiente (escolar, familiar e comunitário) que a criança está imersa é multicultural e de respeito à diferença, a criança, intuitivamente, percebe as línguas – e culturas – que tem à sua disposição como formas naturais e espontâneas para comunicar, explorar, interagir e produzir significados com mundos cada vez mais plurais, diversos e complexos.

Posto isto, quais seriam as opções escolares para os membros da comunidade brasileira em Dongguan? Além das escolas locais, os membros da comunidade têm basicamente duas outras opções. Uma são as escolas internacionais que, na maioria das vezes, são filiais de redes internacionais e têm o inglês como língua veicular – estas, quase sempre mantêm o mandarim em seu currículo. Estas escolas seguem, sobretudo, currículos escolares britânico, canadense e australiano e tem como público-alvo crianças de classe média-alta e alta, geralmente filhos de expatriados e diplomatas. Com mensalidades que podem variar dos 1.000 aos 3.000 dólares, não é uma opção viável para grande parte da comunidade brasileira em Dongguan, principalmente, aos que tem mais de um filho.

A outra opção é pequenas escolas que tem currículos desenhados para um público internacional mais específico e menor, as quais designaremos *escolas comunitárias*²⁰. Este tipo de estabelecimento educacional enfrenta obstáculos já superados pelas grandes redes de escolas internacionais já instaladas na China, como, por exemplo, conseguir passar pelo restrito e rígido controle à emissão de permissão de estabelecimentos educacionais. Em Dongguan, como descreveram alguns professores entrevistados, devido a imensa dificuldade e burocracia em registrar estes estabelecimentos de ensino privado, nasceu uma característica em comum dessas pequenas escolas fundadas por pessoas físicas e que quase sempre funcionam em áreas residenciais: escolas que funcionam sem licença e com “vista grossa” do governo local. Em outras palavras, o governo local reconhece a dificuldade dos trâmites burocráticos para autorizar o funcionamento destes estabelecimentos e, apesar de ter conhecimento do funcionamento sem registro e autorização legal, não interfere no funcionamento e operação destas escolas.

20 Tomanos a definição de escolas comunitárias como “escolas criadas por uma comunidade de falantes de uma língua minoritária para que se ensine esta língua minoritária, geralmente a crianças que são falantes de herança desta língua” (JENNINGS-WINTERLE; LIMA-HERNANDES, 2015, p. 264).

No tocante à educação em língua portuguesa em Dongguan, além da dificuldade para dar andamento ao processo de emissão da permissão de funcionamento, o maior problema enfrentado é a validação no Brasil do ensino médio cursado na China. Para os que voltam para o Brasil possam ingressar no ensino superior, é necessário que os alunos apresentem o certificado de conclusão do ensino médio da escola comunitária aos órgãos brasileiros competentes para validá-lo. Porém, a validação não é garantida e, de acordo com os pais e coordenadores, é procedimento de praxe consulados e delegacias de ensino²¹ brasileiros negarem a validação.

Com a intenção de tentar resolver esse problema vivido por parte da comunidade brasileira, a escola comunitária brasileira em Dongguan desenvolveu uma estratégia própria. Não obstante às dificuldades com o número de professores e em relação ao espaço físico e materiais didáticos, a escola segue estritamente o currículo brasileiro e, deste modo, durante os três primeiros bimestres letivos de cada ano os alunos estudam na China às mesmas disciplinas do currículo brasileiro, ou seja, que um aluno no Brasil estudaria. Durante o último mês do ano letivo os alunos voltam ao Brasil para fazer as provas finais em escolas conveniadas à escola comunitária e, assim, estes alunos terão diplomas reconhecidos pelo governo brasileiro. Esta não é uma solução simples, pois exige que todos os anos pelo menos uma vez os alunos tenham que se deslocar ao Brasil. Porém, dentro da atual conjuntura é a opção mais segura encontrada por pais e coordenadores da escola.

Outro desafio da escola comunitária visitada é a de lidar com o ensino do português levando em conta alunos com históricos de bilinguismos sequencial e simultâneo; ou seja, a escola acaba tendo que dar suporte, simultaneamente, à dois grupos de alunos: (i) crianças que tem o português como língua materna, mas foram alfabetizadas em inglês antes de ingressarem na escola; (ii) crianças alfabetizadas em português (dentro ou fora da escola), mas a língua materna ou a língua usada nas interações familiares não é, necessariamente, o português.

Em relação ao seguimento às disciplinas do currículo brasileiro, segundo as professoras entrevistadas, o ensino do português é o grande desafio da escola, pois as estruturas das outras línguas faladas pelos alunos são expressadas ou representadas na escrita e a transferência negativa “vai do vocabulário à sintaxe e pragmática”. Portanto, para as educadoras, a escola tem um papel preponderante e crucial na criação de *input* linguístico de qualidade, seja para reforçar e ampliar o vocabulário dos que tem o português como língua materna, seja para criar as condições favoráveis de aprendizagem/aquisição de português aos que foram alfabetizados em outra língua e/ou não têm o português como a única língua de interação familiar.

Por fim, funcionando em dois turnos, a escola comunitária esforça-se para tentar entender as demandas da comunidade. Um dos problemas para atender melhor à comunidade é o espaço físico e o número limitado de docentes (10 professoras e 1 professor). Um fator positivo da escola é que todos os docentes são graduados, algumas com auto grau de especialização,

21 Órgão das secretarias de educação responsável pela validação e acreditação de diplomas e licenças de ensino.

como no caso da professora de português, doutora em linguística. As professoras que não são especializadas em algumas áreas são graduadas ou licenciadas em áreas afins, como a professora de matemática para o ensino fundamental, formada em administração. O fato do corpo docente ter razoável domínio de técnicas de ensino e aprendizagem é apontado, pelas coordenadoras, como um dos motivos para a crescente receptividade da escola pela comunidade.

Considerações finais

Assim como em outros lugares do mundo, em Dongguan uma rede de troca de informações entre pais e mães brasileiros vai ser formando e aumentando o entendimento sobre os fatores e ações envolvidos em um planejamento linguístico familiar de sucesso e dos desafios da educação linguística de seus filhos. O resultado positivo desta troca deve-se a vários fatores, dentre os quais destacamos: o uso blogs e redes sociais como espaços de interação entre pais e a criação de organizações e associações de brasileiros no exterior. O bilinguismo, torna-se cada vez mais um tema que não está restrito a linguistas e pesquisadores e os pais reconhecem que a “educação linguística” não é um papel unicamente predominante da escola. Os pais tornaram-se cada vez mais “cientistas informais”, aplicando as teorias, princípios e hipóteses a que tem acesso e, mais importante, atuando ativamente na divulgação e compartilhamento dos sucessos e fracassos nesta longa e incerta caminhada.

A criação do espaço étnico brasileiro em Dongguan é um fator determinante na divulgação da cultura brasileira e do português (LH e LE) na China e, também, da cultura chinesa no Brasil. A própria cidade orgulha-se de sua vocação para receber estrangeiros e, apesar das restrições linguísticas para a comunicação entre chineses e brasileiros, a comunidade brasileira e a cidade Dongguan vão (re)criando e (re)imaginando suas identidades e suas relações com o *Outro*. Ainda que nem todas as interações entre membros da comunidade brasileira e do país anfitrião sejam simples e naturais, o saldo das trocas dessas interações culturais é positivo. Estes espaços de trocas e interações com o *Outro* vai transformando, pouco a pouco, Dongguan em uma China mais abrasileirada e, ao mesmo tempo, a comunidade brasileira em um Brasil mais achinesado e aberto ao novo.

Mesmo com a recente saída de algumas fábricas e escritórios do setor calçadista em Dongguan, a comunidade brasileira segue (re)criando seus espaços de convivência e aperfeiçoando-se para atender suas demandas educacionais. A escola visitada, apesar dos percalços para sua criação e manutenção, é um exemplo de sucesso da organização entre pais, professores, comunidade e instituições educacionais no Brasil. Mesmo com um espaço físico não-ideal, a escola atende (e acolhe) bem aos seus estudantes, seja no respeito ao currículo escolar brasileiro, seja no papel de criação de condições para o letramento e socialização em língua portuguesa. Com criatividade, empenho das professoras e um planejamento cada vez mais consistente, a dinâmica de ensino da escola trouxe um ponto de apoio e segurança para

muitas famílias brasileiras em Dongguan.

Por fim, num mundo cada vez mais fluido e multicultural, um dos desafios da diáspora brasileira, lugar qual me incluo, é conscientizar-se que a imigração é um fenômeno marcado por incertezas e oscilações (de ordens econômicas, políticas, pessoais ou de qualquer outra natureza). Portanto, a determinação de um planejamento linguístico familiar consistente, persistente e que valorize tanto a língua de herança como a do país anfitrião (além de outras línguas/culturas envolvidas) são ações determinantes para que se atenuem situações que, por ventura, venham um dia a se tornar “permanentemente temporárias” – no caso dos que acabam ficando quando o plano original era voltar ao país de origem – ou das que acabaram sendo “interinamente permanentes” – no caso dos que voltaram quando a programação original era ficar.

Referências

ALMEIDA FILHO, J. C. P. Tornar-se professor de língua (s) na estrangeiridade domada. In: MENDES, E. e CASTRO, M. L. S. (Ed.). *Saberes em Português: Ensino e Formação Docente* Campinas: Pontes Editores, 2008. p. 97-108.

BELTRÃO, K. I.; SUGAHARA, S. Permanentemente temporário: *dekasseguis* brasileiros no Japão. *Revista Brasileira de Estudos de População*, 23, n. 1, p. 61-85, 2006.

BORUCHOWSKI, I. D. *Curriculum development in a heritage language community-based school: A qualitative inquiry regarding a Brazilian-Portuguese program in South Florida*. 2014. 111 f. (Dissertação de mestrado), Florida International University, Florida, 2014.

BORUCHOWSKI, I. D. Diretrizes e princípios norteadores para um currículo de língua de herança. In: JENNINGS-WINTERLE, F. e LIMA-HERNANDES, M. C. (Ed.). *Português como língua de herança: a filosofia do começo, meio e fim*. New York: Brasil em mente, 2015. p. 163-175.

FISHMAN, J. A. 300-plus years of heritage language education in the United States. In: PEYTON, J. K.; RANARD, D. A., et al (Ed.). *Heritage languages in America: Preserving a national resource*. Washington, DC: Delta Systems; and McHenry, IL: Center for Applied Linguistics, 2001. p. 81-98.

JATOBÁ, J. R. Políticas linguística e externa chinesa: um breve panorama do ensino de LEs e do PLE na China. *Revista da SIPLE*, 8, n. 1, p. 54-71, 2015.

JATOBÁ, J. R. Políticas linguística e externa chinesa: o caso do PLE. In: VANZELLI, J. C.; CHAVES, I. O., et al (Ed.). *Estudos Brasileiros na Ásia: língua, literatura e cultura*. Viçosa: Editora UFV, 2017.

JATOBÁ, J. R.; SHANG, X. J. 在华葡语社区继承语现状研究——以东莞巴西人社区为例 [Research on the Heritage Language in Portuguese-Speaking Countries in China: A Case Study of the Brazilian Community in Dongguan]. In: SHANG, X. J. e DING, H. (Ed.). *中国与葡语国*

家合作发展报告 (2017-2018) *Report on cooperation and development between China and Portuguese-speaking countries (2017-2018)*. Beijing: Social Sciences Academic Press, 2019. p. 219-230.

JENNINGS-WINTERLE, F.; LIMA-HERNANDES, M. C. (ed.). *Português como língua de herança: a filosofia do começo, meio e fim*. New York: Brasil em Mente, 2015. 302 p.

JIANG, Y. R. *O perfil dos brasileiros que vivem na China*. 2015. (Trabalho de conclusão de curso), Guangdong University of Foreign Studies, Guangzhou, 2015

KLAUSS, T. “Gaúchos na China”. *Brasileiras pelo mundo*, 10 de setembro de 2017. Disponível em: <https://www.brasileiraspelomundo.com/gauchos-na-china-480866843>. Acesso em: 10 de janeiro de 2020.

KUHN JUNIOR, N.; NUNES, M. F. The role of the new media in the migratory experiences of Brazilian footwear industry workers in the south of China. *Migraciones Internacionales*, 6, n. 4, p. 47-74, 2012.

LEXICO ONLINE DICTIONARY. Disponível em: <http://www.oxforddictionaries.com/definition/english/gaicho>. Acesso em: 10 de março de 2019.

LICO, A. L. Ensino de Português como Língua de Herança: Prática e Fundamentos. *Revista da SIPLE*, 2, n. 1, p. 22-33, 2011.

LIMA-HERNANDES, M. C.; CIOCCHI-SASSI, K. V. Língua de herança como integradora de identidades. In: JENNINGS-WINTERLE, F. e LIMA-HERNANDES, M. C. (Ed.). *Português como Língua de Herança: A filosofia do começo, meio e fim*. New York: Brasil em Mente, 2015.

LIU, G. Planejamento do ensino de português língua estrangeira na China. In: IOK, L. H. e ZHILIANG, W. (Ed.). *Actas 2º Fórum Internacional do Ensino da Língua Portuguesa na China*. Macau: Instituto Politécnico de Macau, 2015. p. 111-132.

MORONI, A. Português como Língua de Herança: O começo de um movimento. In: JENNINGS-WINTERLE, F. e LIMA-HERNANDES, M. C. (Ed.). *Português Língua de Herança: A filosofia do começo, meio e fim*. New York: Brasil em Mente, 2015. p. 29-55.

POLINSKY, M.; KAGAN, O. Heritage languages: In the ‘wild’ and in the classroom. *Language and linguistics compass*, 1, n. 5, p. 368-395, 2007.

TADMOR, C. T.; GALINSKY, A. D.; MADDUX, W. W. Getting the most out of living abroad: Biculturalism and integrative complexity as key drivers of creative and professional success. *Journal of Personality and Social Psychology*, 103, n. 3, p. 520-542, 2012.

TSUDA, T. *Strangers in the Ethnic Homeland: Japanese Brazilian Return Migration in Transnational Perspective*. New York: Columbia Univ. Press, 2003.

VALDÉS, G. The teaching of heritage languages: An introduction for Slavic-teaching professionals. In: KAGAN, O. e RIFKIN, B. (Ed.). *The learning and teaching of Slavic languages and cultures*. Bloomington, IN: Slavica, 2000. p. 375-403.

VAN DEUSEN-SCHOLL, N. Toward a definition of heritage language: Sociopolitical and pedagogical considerations. *Journal of language, identity, and education*, 2, n. 3, p. 211-230, 2003.

WEI, L. (ed.). *The bilingualism reader*. 2ª ed. EUA e Canadá: Routledge, 2007a.

WEI, L. Dimensions of bilingualism. In: LI, W. (Ed.). *The bilingualism reader*. 2ª ed. EUA e Canadá: Routledge, 2007b. cap. 1, p. 1-22.

YE, M. L. *Aquisição da língua portuguesa e chinesa dos descendentes de brasileiros na China*. 2014. (Trabalho de conclusão de curso), Guangdong University of Foreign Studies., Guangzhou, 2015.

Websites, blogs e jornais online

BBC BRAZIL. “Brasileiros imigram para a China em busca de trabalho”, 7 nov. 2002. Disponível em: < http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2002/021023_chinasapato.shtml >. Acesso em: 18 de novembro de 2019.

BRASIL EM MENTE. “Mapeamento de iniciativas pelo português como língua de herança pelo mundo”, 13 jul. 2016. Disponível em: < www.brasilemente.org/pelo-mundo.html >. Acesso em: 18 de novembro de 2019.

BRASIL, Ministério das Relações Exteriores. (2015). “Portal Brasileiros no Mundo. Disponível em: < <http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/a-comunidade/estimativas-populacionais-das-comunidades/estimativas-populacionais-brasileiras-mundo-2014/Estimativas-RCN2014.pdf> >. Acesso em: 28 de maio de 2016.

CHINA ECONOMIC NEWS PORTAL. “裂变: 中国制鞋业与世界鞋业的博弈 [Fissão: A competição entre a indústria chinesa e mundial de calçados]”. Disponível em: < http://intl.ce.cn/zgysj/200803/10/t20080310_14777401.shtml >, Acesso em: 27 de fevereiro de 2016.

CHINA REVIEW ACADEMIC PUBLISHERS NEWS PORTAL. “广东省外贸地理优势分析 [Uma análise sobre as vantagens da localização de Guangdong para fazer negócios no exterior]”. Nov 2013. Disponível em: < <http://crntt.com/crn-webapp/cbspub/secDetail.jsp?bookid=33661&secid=33696> >. Acesso em: 25 de fevereiro de 2016.

DONGGUAN DAILY DIGITAL NEWSPAPER. “巴西村背后的-国际产业链漂移 [Por trás da comunidade brasileira: A transferência da cadeia internacional]”, 3 jul. 2011. Disponível em: < http://epaper.timedg.com/html/2011-03/07/content_653283.htm >. Acesso em: 04 de março de 2016.

EXAME. “O jeito for ir para lá”. Disponível em: < <http://exame.abril.com.br/revista-exame/edicoes/920/noticias/o-jeito-foi-ir-para-la-m0161510> >. Acesso em: 06 de março de 2016.

G1, Globo. “Sem mercado no país, calçadista do RS vai para a China”, 03 maio 2009. Disponível em: < http://g1.globo.com/Noticias/Economia_Negocios/0,,MUL1106916-9356,00-SEM+MERCADO+NO+PAIS+CALCADISTA+DO+RS+VAI+PARA+CHINA.html >. Acesso em: 06 de março de 2016.

JIN RONGJIE NEWS PORTAL. “巴西人在东莞 [Brasileiros em Dongguan]”, 01 dez. 2008. Disponível em: < <http://finance.jrj.com.cn/biz/2008/12/0114032927864.shtml> >. Acesso em: 04 de março de 2015.

MACAU HUB. “Around 2,000 Brazilians work in footwear industry in Dongguan, China”, 12 mar. 2007. Disponível em: < <http://www.macauhup.com.mo/en/2007/03/12/2673/> >. Acesso em: 06 de junho de 2019.

MRE Itamaraty. “Portal Consular – Brasileiros no Mundo”. Disponível em: < <http://www.portalconsular.itamaraty.gov.br/no-exterior/brasileiros-no-mundo> >. Acesso em: 20 de fevereiro de 2020.

REVISTA MACAU. “A Culpa é do Sapato”, 29 mar. 2012. Disponível em: < <http://www.revistamacau.com/2012/03/29/a-culpa-e-do-sapato/> >. Acesso em: 06 de março de 2016.

THE ECONOMIST. “Brazilians in China: Footloose capitalism China’s largest Brazilian community enjoys the benefits of globalization”, 11 set. 2011. Disponível em: < <http://www.economist.com/node/12209081> >. Acesso em: 06 de março de 2016.